

OPINIÃO SOCIALISTA



R\$2

(11) 9.4101-1917

PSTU Nacional

www.pstu.org.br

@pstu

Portal do PSTU

@pstu_oficial

LIT-QI

BOLSONARO, SUPER-RICOS E RAPINA DO PAÍS SÃO RESPONSÁVEIS

FOME



O que é preciso fazer pra acabar com a fome, o desemprego e o arrocho no Brasil - (pgs 8 e 9)

DEBOCHE

No dia em que foi divulgada a imagem de mulheres revirando lixo em Fortaleza procurando comida, filho de Bolsonaro tira foto em Dubai vestido de sheik ao lado de filha e esposa.



PDF INTERATIVO

CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATERIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

pág inadois

CHARGE

o PLACAR



“ Vou torturar sim, já que não posso nomear. Black Ustra **”**



Sérgio Camargo, presidente da Fundação Palmares, declarou em um tuíte, em 21 de outubro, em referência ao coronel Carlos Brilhante Ustra, ex-chefe do DOI-Codi e um dos mais sanguinários torturadores da ditadura. Acusado de promover assédio moral, perseguição ideológica e discriminação, o capitão do mato de Bolsonaro foi proibido de nomear, transferir, demitir, afastar ou contratar servidores públicos da Palmares.

PRÓXIMO LANÇAMENTO



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann. CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01. **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido **DIAGRAMAÇÃO** Luciano Lasp **IMPRESSÃO** Gráfica Atlântica

MAIS MENTIRAS DO GENOCIDA

Bolsonaro relaciona vacinação a Aids

Mentiroso compulsivo, o presidente-genocida lançou mais uma. Em sua “live” semanal, na quinta-feira (21), inventou a história abominável de que a vacina contra a Covid-19 está contaminando as pessoas com Aids. Os “vacinados [contra a Covid] estão desenvolvendo a síndrome da imunodeficiência adquirida [Aids]”, disse. Bolsonaro afirmou que havia lido a notícia nos portais Stylo Urbano e Coletividade Evolutiva, que propagam fake news e fraudaram a tabela do departamento britânico que analisa os casos de Covid-19 entre vacinados e não vacinados. Ambos inseriram uma coluna, que não consta no documento oficial, chamada “reforço ou degradação do sistema imunológico”. A declaração do genocida provocou



uma avalanche de críticas por parte de especialistas e cientistas. Além de propagar o negacionismo da antivacinação, Bolsonaro infla o preconceito contra pessoas que vivem com HIV, o que campanhas levaram décadas para reduzir. Essa é mais uma razão para derrubar esse criminoso e botá-lo na cadeia. Um criminoso que provocou centenas de mortes evitáveis, fez campanha em prol da cloroquina e já disse que vacinas transformariam pessoas em jacarés, fariam nascer barba em mulheres e matariam adolescentes.... Enquanto isso, o desemprego sobe, o botijão de gás chega a custar mais de R\$ 130, a gasolina bate na casa dos R\$ 7,50 e os famintos reviram caminhões de lixo.

HISTÓRIA

Filme sobre guerra civil soviética é exibido 100 anos depois

Dziga Vertov foi um dos grandes nomes do cinema soviético, nas primeiras décadas do século 20. Ele é mais conhecido pela obra-prima “Um homem com uma câmera” (1929) e, infelizmente, alguns de seus filmes, principalmente do período do cinema mudo, simplesmente foram perdidos. No último dia 20, o longa-metragem “História da Guerra Civil, de Vertov” foi exibido durante o Festival Internacional de Documentários de Amsterdã (IDFA). Foi durante um congresso da Internacional Comunista, em 1920, que o filme foi exibido pela última vez. A produção foi considerada perdida até há pouco tempo e apenas um trecho



de 12 minutos era o único resquício da existência dessa obra que captura eventos de um período histórico crucial. O filme inclui vários personagens históricos, líderes do governo soviético e do Exército Vermelho, como Leon Trotsky, Kliment Voroshilov, Semyon Budyonny, Fedor Raskolnikov, Ivar Smilga, Sergo Ordzhonikidze, dentre outros. O responsável pela reunião do material existente, bem como pela restauração, foi o historiador de cinema Nikolai Izvolov. O corte final ficou com 94 minutos.

CONTATO

FALE CONOSCO VIA
WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta



(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



A fome e o deboche dos super-ricos

As cenas de famílias buscando alimentos nos caminhões de lixo ou disputando carcaças e ossos dão o tom da dramática crise social que o país se afunda cada vez mais.

A fome, a insegurança alimentar e a pobreza, porém, não se limitam às imagens de barbarie que vemos na televisão ou nas redes sociais. É cada vez uma realidade dentro de nossas próprias casas. São famílias de trabalhadores, operários, que perderam seus empregos, ou que viram seus bicos desaparecer no último período, e sofrem com uma inflação galopante, sobretudo dos alimentos. Morar, trabalhar ou simplesmente comer fica cada vez mais difícil.

Enquanto fechávamos esta edição, a gasolina aumentava mais uma vez, e a resposta do governo era a privatização da Petrobrás. Sendo que é exatamente pelo fato de a empresa de capital misto atuar como uma empresa privada, impondo aqui o preço do combustível em dólar para encher os bolsos dos acionistas estrangeiros, que pagamos cada vez mais caro.

No meio disso, um cínico Paulo Guedes, ao lado de Bolsonaro, anunciava seu programa eleitoreiro “Auxílio Brasil”, dizendo que o governo fazia um recuo de sua política fiscal em favor dos pobres. De repente, Paulo Guedes começou a se preocupar com os pobres. O mesmo Paulo Guedes que reclamava das empregadas domésticas que, em sua cabeça, viajam à Disney, ou que reclamou que a crise não era causada pela pandemia ou pelo governo, mas pelas pessoas que insistiam em viver mais.

A realidade é que Paulo Guedes, que via aumentar sua fortuna no paraíso fiscal em R\$ 120 mil só naquele dia em que anuncia o auxílio, despreza os pobres. Assim como o banqueiro André Esteves, dono do BTG Pactual, cujo áudio vazado de uma reunião com investidores, entre risadas e piadas, explicava que não



se preocupava com o auxílio recentemente divulgado pelo governo, e se jactava de mandar em Arthur Lira, no Banco Central e até no Supremo Tribunal Federal (STF).

O banqueiro está certo em não se preocupar com o “furo” do teto dos gastos. Amigo de Guedes, sabe que esse governo tem como prioridade absoluta os interesses de sua classe. Sabe que, por exemplo, o aumento dos juros significará alguns bilhões a mais para os banqueiros que detêm os títulos da dívida, enquanto os servidores e os serviços públicos sofrem com ataques e o desmonte. E que, diante da decadência generalizada do país, seus lucros permanecerão sendo sustentados pelo desemprego e a pobreza de milhões.

Ao contrário da parte mais pobre da população que é jogada na miséria absoluta. O fim do auxílio-emergencial vai deixar 18 milhões de famílias ao leu. Já o novo auxílio, que passa de R\$ 191 para R\$ 400, e de 14 para 17 milhões de beneficiários, não vai conter o avanço da pobreza e da fome. Primeiro, porque, além de

o valor não comprar uma cesta básica, atinge só um quarto dos 67 milhões que recebiam o auxílio-emergencial de R\$ 600. E tem data marcada para terminar: até as eleições de 2022.

Como se isso não bastasse, a inflação vai comer esse aumento logo mais. Desde que foi criado, o Bolsa Família foi reajustado em 156%. Já a cesta básica sofreu com um aumento médio de 243%. E caminhamos para ter a maior inflação dos últimos 30 anos.

Além de insuficiente e eleitoreiro, o programa indica como fonte de receita o calote nos precatórios e a revisão do teto dos gastos. Os precatórios são, em sua maioria, dívidas previdenciárias e trabalhistas que já demoram anos para serem pagas. Para ter uma ideia, dos R\$ 56,4 bilhões de precatórios que o governo deveria pagar em 2021, R\$ 35,5 bilhões são dívidas com aposentadorias, servidores e BPC (Benefício de Prestação Continuada). É tirar com uma mão dos pobres para dar uma migalha disso aos mais pobres ainda.

ENFRENTAR OS SUPER-RICOS PARA ACABAR COM A FOME, O DESEMPREGO E A CARESTIA

O “Auxílio-Brasil” não vai resolver o problema da fome e da carestia. É preciso retomar o auxílio-emergencial a todos que perderam suas fontes de renda na pandemia, no valor de 1 salário mínimo. Mas para resolver mesmo o problema da fome é necessário garantir emprego a todos. A única forma de fazer é reduzindo a jornada de trabalho, sem reduzir os salários. Só diminuindo 2h por dia, seria possível acabar com o desemprego. É preciso garantir o aumento geral dos salários para combater o arrocho.

Um plano de obras públicas, por sua vez, poderia não só absorver grande parte dos trabalhadores que hoje estão sem emprego, como também resolver problemas como o saneamento básico, o déficit de moradias, etc. Isso poderia ser financiado atacando os lucros dos bilionários e dos super-ricos, parando de pagar a dívida, proibindo a remessa de lucros e através de

um imposto progressivo, desonerando os pobres e a classe média para taxar as fortunas e os dividendos dos bilionários.

É necessário retomar as mobilizações, e massificá-las rumo a uma Greve Geral. Para por Bolsonaro e sua corja para fora, e por um programa dos trabalhadores que garanta o fim da fome, do desemprego, da carestia, realizando uma reforma agrária radical. Que reverta as reformas trabalhista e da Previdência, e que defenda os servidores e os serviços públicos, o meio ambiente, os indígenas contra o genocídio, e os direitos dos negros, mulheres e LGBTI's.

É inaceitável que, num dos países mais ricos, tenhamos fome, desemprego e carestia. Precisamos de uma revolução social. Um governo socialista dos trabalhadores, para que não haja fome e pobreza para sustentar 0,1% dos bilionários que vivem da exploração dos trabalhadores e da rapina do país.

CPI DO SENADO

Genocida sim! Fora Bolsonaro e Mourão

Mesmo suavizadas, acusações da CPI aumentam desgaste do governo. Mas se depender do Congresso Nacional e da oposição, acabarão na gaveta.

 **DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO**

No momento em que fechávamos esta edição, a CPI da Covid-19 acabava de votar seu relatório final pedindo o indiciamento de 78 pessoas, incluindo Bolsonaro e seus filhos. Bolsonaro foi responsabilizado por nove crimes, incluindo alguns tipificados no Código Penal, como o de epidemia e charlatanismo, até crime de responsabilidade e contra a humanidade.

Foi, porém, uma versão branda do relatório preliminar que o senador Renan Calheiros (MDB-AL) havia divulgado na semana anterior, e que enquadrava Bolsonaro nos crimes de homicídio doloso (quando há intenção de matar), além de genocídio e genocídio indígena. Essa versão do relatório desatou uma crise na comissão, e esses crimes mais graves acabaram sendo deixados de lado. O principal opositor a que Bolsonaro fosse chamado de genocida foi o presidente da CPI, Omar Aziz (PSD-AM), que recebeu nada menos que R\$ 220 milhões em emendas do governo nas vésperas da votação.

Mais que uma consequência jurídica, o crime de genocídio tem um sentido político. Bolsonaro, com sua gestão de

morticínio, massificou um termo que a população não conhecia. Insistir na acusação talvez fosse um pouco demais para setores que, de fato, não querem tirá-lo de lá.

Uma política consciente de assassinato em massa

Ainda em 2020, estava evidente que, mais do que incompetência e sadismo, o governo tinha uma estratégia bem definida: promover a chamada “imunidade de rebanho”, impedir o fechamento da economia para não se desgastar eleitoralmente (e não prejudicar os lucros da burguesia), e fazer propaganda de soluções mágicas, como a cloroquina, a fim de dar uma falsa sensação de segurança para que o povo saia às ruas, trabalhasse normalmente e se contaminasse.

Fato comprovado também através do Centro de estudos e pesquisas de direito sanitário da Faculdade de Saúde Pública da USP, em parceria com a Conectas. O “Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à COVID-19 no Brasil” debruçou-se sobre 3.049 normas federais e 4.427 estaduais, só em 2020, além de discursos e atos do governo Bolsonaro e concluiu de forma inequívoca: “existiu uma estratégia institucional de propagação do Coronavírus, promovida pelo governo federal”.



As ações elencadas pelo estudo vão desde o voto federal à obrigatoriedade do uso de máscaras, à omissão no combate à pandemia como na obstrução de medidas adotadas no âmbito dos estados e municípios, à propaganda contra a saúde pública e a disseminação de notícias falsas.

Mas poderíamos caracterizar “apenas” como um extermínio em massa? Vejamos. A pandemia atingiu, sobretudo, a população pobre e negra, com menor acesso à moradia digna e condições mínimas de higiene. Dados da ONG Instituto Polis compilados em 2020, na cidade de São Paulo, mostram que, enquanto entre os brancos morriam 157 pessoas a cada 100 mil, entre os negros eram 250 mortes. Entre as mulheres negras, morreram 140 a cada

100 mil, enquanto que, entre as mulheres brancas, foram 85.

Não houve uma política de extermínio indefinida ou generalizada. Ainda que o vírus não escolha cor ou classe social, a política de Bolsonaro acertou um alvo muito bem estabelecido: pobres e a população negra. O que seria isso, se não um genocídio?

O GENOCÍDIO INDÍGENA

Outro ponto retirado do relatório da CPI foi o que tipifica o crime de genocídio indígena. Que foi exatamente o que Bolsonaro promoveu. Em julho de 2020, por exemplo, quando sancionou o Projeto de Lei 1142/2020 que definia indígenas e quilombolas como grupos vulneráveis à pandemia, Bolsonaro vetou o acesso

à água potável, cestas básicas, e à distribuição de materiais de higiene, limpeza e desinfecção de aldeias. Vetou ainda a instalação de equipamentos hospitalares a esses grupos, como UTIs e ventiladores mecânicos.

O que faltou em produtos de necessidades básicas e hospitalares, sobrou em cloroquina. Foram centenas de milhares de comprimidos distribuídos nas reservas indígenas, muito acima do que normalmente é enviado para combater a malária. Fica evidente que o governo se aproveitou da pandemia para impor o extermínio indígena, o que já faz normalmente como no caso do Marco Temporal.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3ERJ7E5](https://bit.ly/3ERJ7E5)**

VAMOS AS RUAS NO DIA 20 DE NOVEMBRO

Fora Bolsonaro e Mourão já!



A CPI foi um produto da crise e aprofundou o desgaste do governo. Mas não há disposição para tirar Bolsonaro agora, como ficou evidente no abrandamento do relatório final. A oposição interessa apenas desgastá-lo eleitoralmente. O PT em favor de Lula, a direita tradicional em nome da “terceira via” que buscam construir até lá.

E mesmo essas acusações irão para a gaveta do Procurador Geral da República, Augusto Aras (reconduzido ao posto

com os votos do PT), e de Arthur Lira. A única forma de se tirar Bolsonaro, a prioridade número 1 para conter a destruição do país, é através da mobilização. É preciso ir às ruas, jogar peso no próximo dia 20 de novembro e, junto ao movimento negro, fazer grandes manifestações que expressem a real correlação de forças, e junto a isso, organizar uma Greve Geral possa bater duro no governo e em sua política de entrega, de fome e miséria.

TEORIA

Socialismo e mérito individual



GUSTAVO MACHADO,
DE BELO HORIZONTE (MG) E DO CANAL ORIENTAÇÃO MARXISTA

Um argumento mil vezes repetido sobre a impossibilidade do socialismo é que somente no capitalismo teríamos estímulos para as ações e iniciativas individuais. Segundo essa lógica, esta forma de sociedade estimularia a inovação e o “mérito” de cada um, por estar baseada na competição de todos contra todos. Sem tal competição generalizada, os indivíduos se paralisariam, já que não teriam compensação individual pelos sucessos de seus esforços e a livre iniciativa.

Esse raciocínio é curioso, pois se observarmos a sociedade capitalista com profundidade, para além da aparência de um mundo de indivíduos soltos no mundo com suas capacidades individuais, veremos que é a forma menos meritocrática que já existiu na história; conceito que, por si só, já precisa ser problematizado, como veremos abaixo.

Quem elabora as ideias, realiza os projetos, inova e constrói toda riqueza de que dispomos – sejam iphones, aviões, automóveis ou sistemas computadorizados – são indivíduos que atuam como trabalhadores assalariados, cuja remuneração é proporcional à sua qualificação. Esses trabalhadores e trabalhadoras, quaisquer que sejam suas aptidões e talentos, desenvolvidos no decorrer da vida, estarão sempre sujeitos à demissão e aos rumos incertos do mercado de trabalho.

NÃO EXISTE “MÉRITO” PRIVADO OU INDIVIDUAL

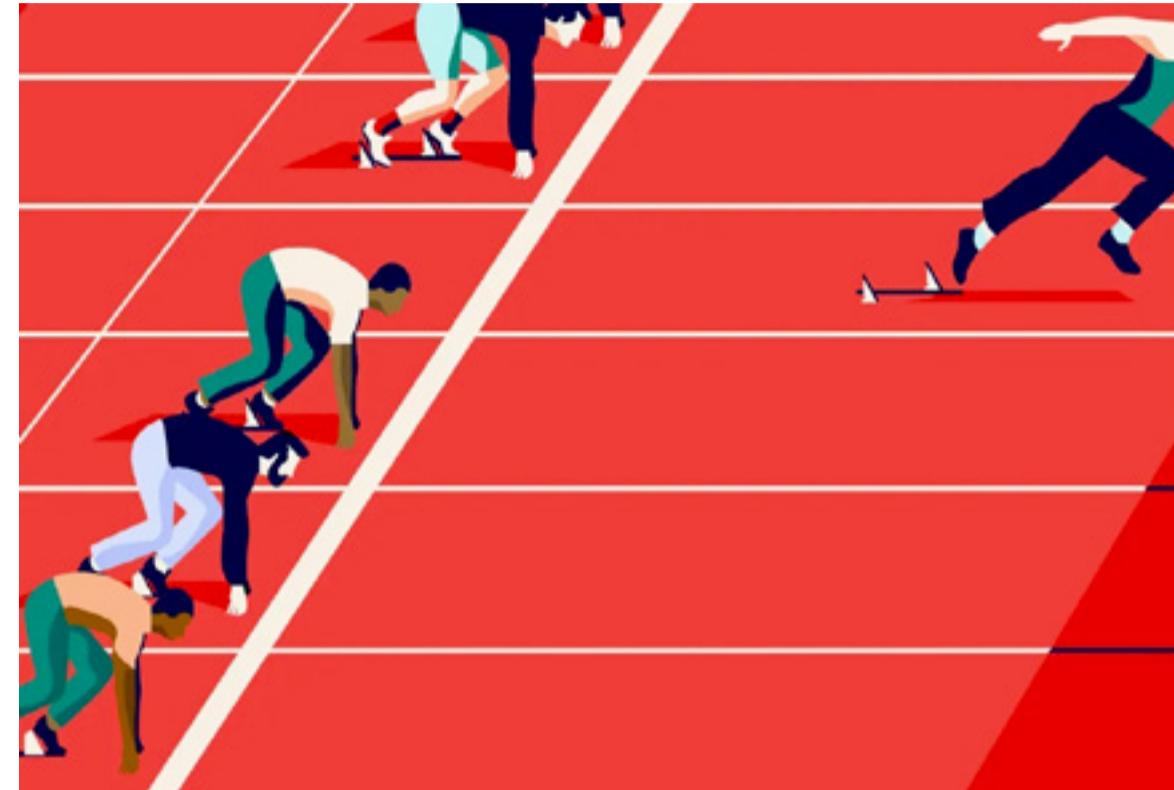
Além disso, estamos acostumados a atribuir o “mérito”

das inovações a uma dada empresa. Muitos dizem: “Vejam o novo sistema da Google ou o novo avião da EMBRAER!”. Esses produtos, no entanto, não foram projetados e produzidos pela ação da empresa.

Empresas privadas não falam, não pensam e nem se movem. Podemos tocar e ver as instalações de uma montadora de automóveis, mas não podemos tocar nem ver a empresa propriamente dita. Ela poderá ser vendida amanhã, mudar de nome e permanecer com as mesmas instalações e, até mesmo, os mesmos trabalhadores. A empresa é algo formal e abstrato. Seu papel é conceder a propriedade de tudo que lá ocorre a um tipo muito particular de indivíduos: os capitalistas e empresários.

Os capitalistas e empresários não estão soltos no mundo como os trabalhadores assalariados. Eles possuem a propriedade do capital, o que lhes permite enriquecer cada vez mais com o produto das aptidões, talentos e trabalho alheio. Para mover as grandes empresas, que produzem a quase totalidade do que consumimos, são necessários bilhões, normalmente herdados e acumulados por muito tempo.

Nenhum trabalhador terá acesso a um montante desse tamanho pelo seu próprio “mérito”. Mesmo nos raros casos dos “homens de negócio” que miraculosamente ascenderam socialmente, o processo se assemelha mais a uma loteria do que a meritocracia. Todos eles dizem em seus testemunhos: é porque eu estava “no lugar certo e na hora certa”.



Vale ressaltar que a própria noção de capacidade individual não é algo dado por natureza, mas desenvolvida por cada indivíduo à luz das possibilidades que lhe são oferecidas no curso de sua vida. Nesse caso, deve-se lembrar que, mesmo no interior da classe trabalhadora, as possibilidades para o desenvolvimento de cada indivíduo são muito distintas. Por exemplo, o machismo, o racismo, a LGTBIfobia e xenofobia, impõem profundas desigualdades em relação às condições sociais, culturais e materiais de vida.

NO SOCIALISMO: DESENVOLVIMENTO DAS APTIDÕES INDIVIDUAIS PARA O BEM COLETIVO

A sociedade capitalista é aquela que suga a todo momento o mérito, o esforço e a alma dos trabalhadores. Transformam seu sucesso individual em patentes e capital pertencentes a outro indivíduo: o proprietário da empresa. Nem sequer conhecemos os nomes daqueles cujo mérito resultou em toda riqueza e tecnologia dos produtos que vemos ou utilizamos. Talvez, estejam até desempregados.

O socialismo, ao contrário, é a possibilidade de uma sociedade em que os indivíduos sejam valorizados e reconhecidos pelo seu “mérito real”. Ao se colocar fim em uma sociedade baseada na luta de todos

contra todos por meio do mercado; a conquista de cada um deixa de ser uma ameaça aos seus concorrentes e se converte em uma conquista de todos. Torna-se do interesse de cada um o livre e máximo desenvolvimento de todos demais.

Em uma sociedade em que todo trabalho é distribuído entre todos os seus membros, de modo consciente, todos e todas terão tempo livre de sobra para se dedicar às atividades mais adequadas às suas qualidades e aptidões individuais: sejam artísticas, culturais, científicas etc. No capitalismo, ao contrário, cada um é obrigado a seguir a última tendência e moda do mercado; tendência essa que se altera a cada ano. Raros são aqueles que podem se dedicar a atividades de seu interesse, condizentes com seu talento e aptidão.

Além disso, ao contrário do que reza o senso comum, o socialismo não é uma forma de sociedade em que todos recebem precisamente a mesma coisa. Existem diferenças individuais de aptidão, de capacidade, de necessidades. Todas essas diferenças poderão e serão levadas em conta no estabelecimento da quota da riqueza social a que cada um tem acesso.

No socialismo, as diferenças individuais não serão negadas, mas potencializadas. É justamente porque cada indivíduo é

diferente dos demais, que a divisão social do trabalho é possível de forma consciente e planejada. Isto é possível porque, nesta sociedade, os desenvolvimentos de cada um não estão, de antemão, em conflito com o do outro. Não existe a cisão entre público e privado na atuação social. É evidente que, para tal, deve-se desenvolver políticas diferenciadas (no campo da educação, da qualificação, formação etc.) voltadas para aqueles e aquelas que foram historicamente marginalizados e tratados como desiguais.

Somente assim, poderemos distribuir as diferentes funções e objetivos aos diferentes indivíduos e capacidades. Os critérios de acesso de cada um a quota da riqueza socialmente produzida não serão definidos pela lógica maluca do mercado, que transforma o mérito de um na riqueza do outro. Serão definidos pelos próprios produtores, em base as suas capacidades e as necessidades sociais, individuais e ambientais.

Não é o paraíso na Terra, mas uma sociedade transparente em que as relações sociais entre os indivíduos não são mascaradas e distorcidas pelo dinheiro e pela propriedade do capital. Agora, o livre desenvolvimento individual apenas potencializa o desenvolvimento da sociedade inteira.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PNB72P](https://bit.ly/3PNB72P)**

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Quem semeia desmatamento, colhe tempestade de poeira

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

No começo de outubro, as imagens de enormes tempestades de poeira atingindo cidades no interior de São Paulo trouxeram pavor e perplexidade. As primeiras imagens mostravam as cidades paulistas de Franca e Ribeirão Preto sendo engolidas por uma gigantesca muralha de poeira. Dias depois, o fenômeno se repetiu em outras cidades, como Presidente Prudente e Araçatuba, no Oeste paulista. Dessa vez, pelo menos cinco pessoas morreram devido à tempestade.

Depois, cidades da região Nordeste de Mato Grosso do Sul também foram atingidas pelas nuvens de poeira, o mesmo tendo acontecido na capital, Campo Grande. Alguns dias depois, a nuvem de poeira chegou ao Mato Grosso, atingindo cidades como Rondonópolis.

Esse tipo de fenômeno tem nome, chama-se “haboob”, uma palavra árabe que designa as grandes tempestades de areia que ocorrem no deserto do Saara, no norte da África, e outros desertos mundo afora. Só que em São Paulo, e em todo o Brasil, não há deserto algum.

Afinal, qual é a explicação para o fenômeno? Ele é

natural ou é mais uma consequência da devastação do meio ambiente?

UMA LONGA ESTIAGEM

As tempestades de poeira ocorrem por uma conjunção de fatores. O primeiro deles está relacionado à grande seca que atingiu o Brasil, particularmente as regiões Sudeste e Centro-Oeste, o que ameaça, inclusive, provocar uma crise energética, uma vez que os níveis dos reservatórios das usinas hidroelétricas dessas regiões são os mais baixos dos últimos 21 anos.

No dia 15 de outubro, o armazenamento médio nos reservatórios era de 16,86%, índice inferior, inclusive, ao registrado na mesma data, em 2001 (21,4%), quando vigorava um rationamento de energia no país. Nas áreas mais afetadas pelas nuvens de poeira, não chovia há mais de três meses.

DESMATAMENTO DA AMAZÔNIA

O prolongamento da estação seca nessas regiões pode estar relacionado ao desmatamento da Amazônia. Sabemos que a floresta produz quase metade de sua precipitação e uma parte significativa dessa umidade é transportada por ventos de baixa superfície para o Centro-Oeste e Sude-



te do país. São os chamados “rios voadores”. A intensificação do desmatamento diminui a massa de ar úmido produzido pela floresta tropical e, consequentemente, diminui as chuvas nessas regiões.

DE ONDE VEM TANTA POEIRA

Neste período do ano, com o fim da estiagem, é comum que grandes massas de ar frio, vindas do sul do continente, entrem nessas regiões do Brasil. Ao se chocarem com grandes massas de ar quente, elas produzem grandes tempestades e ventos de aproximadamente 100 quilômetros por hora. Foi esse fenômeno natural que atingiu o interior de São Paulo e o

as tempestades de poeira (e de tudo mais que se possa imaginar) que engoliram as cidades.

DESMATAMENTO E RECOLONIZAÇÃO

Em uma rápida pesquisa no “Google Earth” é fácil notar que praticamente não existem mais áreas de mata nativa nas regiões atingidas pelas tempestades de poeira. Há menos de 100 anos atrás, toda essa região era coberta por uma densa floresta ou por campos de cerrado.

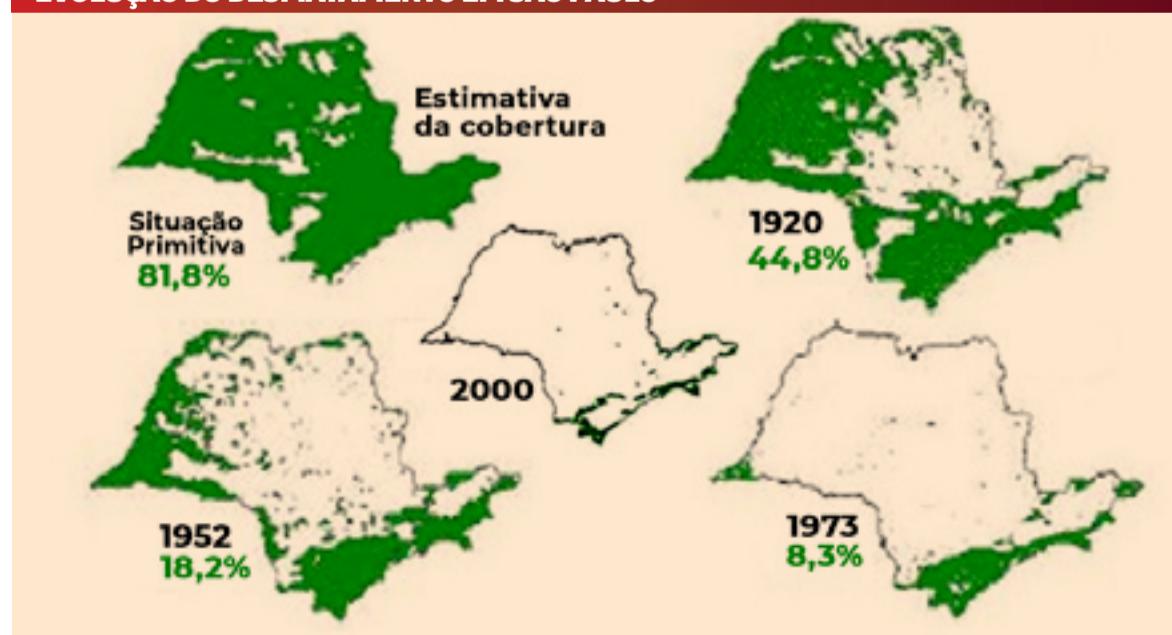
Mas, agora, tudo cedeu espaço para a cana-de-açúcar ou para soja, que não pararam de crescer, na medida em que o Brasil foi sofrendo um processo de recolonização e se converteu em um exportador de commodities (produtos em estado bruto, utilizados como matéria-prima). Sem mata, os solos ficam ainda mais expostos e mais secos. Sem cobertura florestal, não há nada que possa servir como um obstáculo para a ventania.

AQUECIMENTO GLOBAL

Tudo isso não foi causado pela natureza. É resultado de décadas de expansão territorial da agricultura capitalista e da condição subalterna do Brasil na ordem mundial. Mas, a situação pode piorar consideravelmente no futuro. O aquecimento global é uma realidade e pode ter efeitos catastróficos no Brasil, particularmente nas regiões Centro-Oeste e Sudeste.

De acordo com o último relatório do IPCC (o painel da ONU para mudanças climáticas), divulgado em agosto, essas regiões poderão enfrentar grandes ondas de calor, que inviabilizariam a agricultura (inclusive, do próprio agronegócio) e tornariam as condições de vida insuportáveis. Ou seja, a irracionalidade do capitalismo é tamanha que o próprio sistema ameaça destruir as condições naturais para sua própria reprodução.

EVOLUÇÃO DO DESMATAMENTO EM SÃO PAULO



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PFPUN2](https://bit.ly/3PFPUN2)

BRASIL COM FOME

Carestia e a fome no brasil desigual

Pessoas catam restos em caminhões de lixo e recorrem a restos de ossos e carne


**ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)**

Um vídeo, gravado em setembro e divulgado nas redes sociais na semana passada, mostra um grupo de mulheres vasculhando um caminhão de lixo em busca de sobras de comida no Cocó, um bairro de ricos na cidade de Fortaleza, capital do Ceará.

Impossível não ficar como-
vido e revoltado com as cenas,
que revelam a situação da fome
crescente em nosso país. Com
o aumento do desemprego e
com a carestia dos preços dos
alimentos, como resultado da
concentração da riqueza nas
mãos de um reduzido grupo de
super-ricos, cenas como as de
Fortaleza se repetem todos os
dias, do Norte ao Sul do Brasil.

Homens e mulheres, como
Jaqueline, que tem 50 anos, é
mãe e avó, moradora de uma
favela de Fortaleza, são obri-
gados a passar por esse tipo de
situação: recolher restos de ali-
mentos no lixo. Em entrevista
ao Fantástico, da TV Globo, ela
disse que o dinheiro não tem
dado para comprar comida di-
reito. Ela e outras mulheres pro-

curam alimentos em caminhão
de lixo todos os dias.

Enquanto o caminhão tri-
tura o lixo, elas catam o res-
to de comida. “Às vezes, as
coisas vêm no fundo do tam-
bor. Aí joga dentro do carro,
aí nós vê as coisas no fundo,
que não deu para gente ver
em cima e pegar, a gente sobe
no carro e pega”, relatou Ja-
queline ao Fantástico.

FILA PARA CATAR OSSOS

Em julho, vídeos mostra-
ram dezenas de famílias de
Cuiabá, capital do Mato Grosso,
formando fila na frente de
um açougue do Bairro CPA2,
para pegar ossos doados pelo
estabelecimento. São famílias
que passam por dificuldades fi-
nanceiras, que não conseguem
colocar carne na panela, devido
ao aumento dos preços, que tor-
nou a carne um item de luxo.

Entre as pessoas na fila
estava Mara Siqueira Castro,
mãe de sete filhos. Ela trabalha
como autônoma, mas não tem
conseguido manter as despesas
da família. “Eu recebo só o be-
nefício do governo e nós es-
tamos vivendo de doações”, dis-
se, em entrevista ao portal G1.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3ERAi7](https://bit.ly/3ERAi7)

A mesma situação vem
ocorrendo na cidade do Rio de
Janeiro. Moradores recorrem a
restos de ossos e carne rejeita-
dos por supermercados. Todas
as terças e quintas-feiras, um
caminhão, que recolhe ossos
e pelancas de supermercados
da cidade, estaciona na Gló-
ria, bairro da Zona Sul carioca,
onde se forma uma longa fila de
pessoas que catam aquilo que
os supermercados rejeitaram.

Vale ressaltar que, de acor-
do com a Empresa Brasileira de

Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o Brasil tem o maior reba-
nho bovino do planeta, com
cerca de 218 milhões de cabe-
ças de gado. Também é o maior
exportador de carne do mun-
do. Contudo, pessoas pobres
formam filas para catar ossos
e pelancas em açougues.

A Embrapa também pontua
que somos o quarto maior pro-
dutor de grãos do planeta, mas
a prioridade da produção é para
exportação e não para alimen-
tar o nosso povo. O estudo In-

quérito Nacional sobre Inseg-
urança Alimentar no Contexto
da Pandemia da Covid-19 no
Brasil, mostra que com a crise
econômica agravada pela pan-
demia, 19,1 milhões de brasilei-
ros disseram passar 24 horas ou
mais sem ter o que comer. Em
dezembro de 2020, mais da me-
tade (55%) da população sofria
de algum tipo de insegurança
alimentar, segundo o estudo da
Rede Brasileira de Pesquisa em
Soberania e Segurança Alimen-
tar e Nutricional.

ENFRENTAR OS SUPER-RICOS

Um programa dos trabalhadores para a crise



Desde o início da pandemia,
a crise piorou a vida dos mais
pobres. De um ano para cá, o
número de brasileiros vivendo
com R\$ 275 por mês saltou de 20
para mais de 24 milhões. Com
essa renda, não há garantia de
que vão comer no dia seguinte.

Bolsonaro despreza essa si-
tução de penúria do povo. Sua
política sanitária genocida le-
vou a mais de 600 mil mortes
na pandemia. Além disso, nun-
ca teve qualquer política pú-
blica para ajudar os mais po-
bres. Bolsonaro foi contrário ao
auxílio-emergencial de R\$600,
um valor que já era insuficiente
para garantir comida às fa-
mílias afetadas pela pandemia.

Agora, tenta emplacar o “Auxí-
lio-Brasil”, um programa social
para tentar garantir sua reelei-
ção no ano que vem. Não por
acaso, o programa tem validade
até o final de 2022.

A realidade é que Bolsonaro
favorece os empresários, os
latifundiários e os banqueiros,
que seguiram lucrando à custa
da miséria e da fome do povo.
Os maiores bancos com ações
negociadas na Bolsa de Valores
somaram R\$ 23,161 bilhões, no
segundo trimestre deste ano,
valor 90% superior ao do ano
passado, quando Itaú Unibanco,
Bradesco, Banco do Brasil e
Santander lucraram R\$ 12,164
bilhões. Já o agronegócio espe-

ra lucrar R\$ 1,142 trilhão este
ano, segundo a Confederação
da Agricultura e Pecuária do
Brasil (CNA). Valor 15,8% maior
em relação a 2020.

Enquanto a pobreza foi acen-
tuada, durante a pandemia, 20
brasileiros entraram no ranking
de bilionários da Forbes. Um pu-
nhado de super-ricos, um grupo
de parasitas, concentra em suas
mãos as riquezas produzidas no
país, enquanto milhões passam
fome, estão sem emprego, sem
moradia e sem comida. Essa é
face cruel do capitalismo, um
sistema que joga milhões na
miséria, para garantir o luxo e
a vida boa a um reduzido grupo
de milionários sanguessugas.

CENTRAIS

MOTIVO

Fome, miséria e carestia são resultado da rapina imperialista e decadência do país



DA REDAÇÃO

Noite de domingo, o programa “Fantástico” exibe uma dramática reportagem sobre a fome no país, com as cenas de mulheres se amontoando sobre a caçamba de um caminhão de lixo em Fortaleza, no Ceará. Segundos

depois, um comercial anuncia que o “Agro é Pop”.

Se tem algo que o agronegócio não é, é ser popular. Num país que figura no segundo lugar na produção mundial de alimentos, caminhando para se tornar o primeiro, a fome atinge quase 20 milhões de pessoas. Mais de 125 milhões de brasileiros, quase 60% da população, sofreram

algum tipo de insegurança alimentar durante a pandemia, segundo um levantamento da Universidade de Berlim.

De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), hoje, produzimos comida suficiente para alimentar 1,6 bilhão de pessoas. A cada ano, o setor agropecuário aumenta sua produção, utilizan-

do tecnologia de ponta. Comida há. O que está faltando é dinheiro para comprá-la. A razão da fome está no aumento do desemprego, na inflação e no aumento brutal da pobreza e da miséria.

Essa explicação, porém, é incompleta. Para se entender o caos social, precisamos compreender o longo processo de decadência pelo qual o país vem passando há vá-

rias décadas e que o governo Bolsonaro acelerou. Um processo determinado pela reprimarização da economia (ou seja, maior valorização de produtos primários, minerais e agrícolas, em contraposição aos industrializados) e regressão colonial, que deixam o país cada vez mais submetido aos monopólios internacionais e à divisão mundial do trabalho imperialista.

RECOLONIZAÇÃO

De volta a um país agroexportador

O Brasil sempre foi uma fonte para a exploração e rapina do imperialismo. O que mudou no último século foi a transição de uma economia agrário-exportadora para um país urbano e industrializado. Nas décadas que sucederam o pós-II Guerra, de 1950 a 1980, o Brasil foi o país que mais rapidamente se industrializou na história da humanidade, sendo superado, posteriormente, somente pela Coreia do Sul e a China.

Longe, porém, de ser um processo de desenvolvimento nacional independente, isto foi o resultado de uma relocalização no sistema internacional de Estados. De provedor de produtos primários, o Brasil foi moldado para se tornar uma plataforma de exportação de produtos industrializados para a América do Sul, puxado pela indústria automobilística. Um

processo dominado pelo capital internacional, tendo a burguesia do país como sócia-menor, com o Estado investindo fortemente na chamada indústria de base, como petróleo e energia.

REGRESSÃO COLONIAL

Com o neoliberalismo, o Brasil mudou de posição: vem se desindustrializando e tornando-se cada vez mais dependente do agronegócio (exportação de produtos agrícolas e da indústria extrativista) que, por mais tecnológico que seja, não tem capacidade de produzir mercadorias com valor agregado, como as indústrias de ponta.

Uma relocalização liderada pelo imperialismo, tendo como sócia-menor a burguesia brasileira (parte dela rentista e especuladora; ou seja, que vive de rendas e aplicações financeiras, como o Banco BTG-Pactual) e



executada por sucessivos governos. Isso se traduziu no desinvestimento na indústria e na entrega das estatais, através das privatizações (dos 59 bilhões de dólares arrecados com as privatizações entre 1992 e 2001, R\$ 42 bilhões vieram do capital estrangeiro, ou seja, mais de 70%).

Um processo de destruição de forças produtivas, que vem se acelerando nos últimos anos. Só entre 2015 e 2020, foram fechadas 36.600 fábricas, uma média de 20

por dia. A indústria de transformação continua tendo um certo peso, devido ao tamanho do país, mas está cada vez mais baseada nos produtos de baixo valor agregado. Exemplo disso foi o fechamento da única estatal de semicondutores para computadores na América Latina, a CEITEC, pelo governo Bolsonaro, em 2020.

No primeiro semestre de 2021, metade das exportações foi de produtos primários (agropecuários e minerais). Da outra metade, que seria da indústria de transformação, 90% foram de produtos como açúcar, farelos de soja, carne bovina congelada etc. Nada menos que três

quartos das nossas exportações são de produtos primários.

Essa reprimarização ocorre junto com o avanço do capital internacional, fazendo com que 70% do setor sejam dominados por multinacionais, como a ADM, a Bunge, a Cargill e a Louis Dreyfus (as quatro maiores empresas globais de processamento e comercialização de produtos agrícolas, conhecidas como as ABCDs). São justamente essas empresas que lucram com a alta das “commodities”, seja através das exportações, seja vendendo aqui mesmo; já que o preço desses produtos é atrelado à cotação do mercado internacional, em dólar.

Mesmo processo que ocorre com a Petrobras que, embora formalmente estatal, têm, hoje, 63% de suas ações nas mãos de acionistas estrangeiros. Com o agravante de que o aumento do preço dos combustíveis desata uma alta da inflação em toda a cadeia produtiva e de distribuição.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3EJZNNJ](https://bit.ly/3EJZNNJ)

QUEDA DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Manufatura (% do PIB) a preços de 2015



FONTE: ONU, UNIDO, IBGE (CONTAS NACIONAIS) – ELABORAÇÃO PAULO MORCEIRO

UM PAÍS NAS MÃOS DO CAPITAL ESTRANGEIRO

SETOR	% NACIONAL	% ESTRANGEIRA
Eletroeletrônico	0%	100%
Automobilística	1%	99%
Química e Petroquímica	20%	80%
Bens de Consumo	22%	78%
Atacado	26%	74%
Varejo	29%	71%
Mineração	30%	70%
Saúde Privada	34%	66%
Agropecuária	41%	59%
200 maiores grupos	39%	61%

FONTE: MAIORES E MELHORES DA EXAME, 2020. PORCENTAGENS AFERIDAS EM BASE ÀS VENDAS LÍQUIDAS DAS EMPRESAS. ELABORAÇÃO IAES.

DESIGUALDADE SOCIAL

Uma economia dominada por super-ricos, ou 0,1% da população

O desemprego em massa, a fome, os baixos salários, a superexploração e o avanço do trabalho por peça (como a “uberização”) são expressões da decadência e da rapina capitalistas, que beneficiam os monopólios imperialistas e a burguesia brasileira, sócia na destruição do país.

O desemprego real é bem maior que aquele que aparece nas estatísticas oficiais, que seguem os critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Se considerarmos o exército de desempregados e subempregados, teremos o espantoso número de 92 milhões de trabalhadores e trabalhadoras. Mais que o dobro dos 44 milhões de assalariados.

Do outro lado, a concentração de renda é cada vez maior. Segundo o Relatório da Riqueza Global de 2021, elaborado pelo do Banco Credit Suisse, 1% da população mais rica detém quase a metade de toda a riqueza do país. Apenas 388 empresas detêm, juntas, R\$ 5,5 trilhões, mais de 70% do PIB. Já os proprietários das grandes empresas (aqueles com mais de mil funcionários) somam apenas 0,1% da população. Ou seja, pouco menos de 4 mil, num universo de 212 milhões de brasileiros.



EMPREGO, SALÁRIO, TERRA, MEIO AMBIENTE E SOBERANIA

Um programa dos trabalhadores para a crise

O projeto de Bolsonaro e Guedes é acelerar o processo de entrega e de recolonização do país, aprofundando os ataques aos direitos sociais e trabalhistas, a superexploração e o arrocho dos salários; promovendo um maior desmantelamento dos serviços públicos; intensificando as opressões e a criminalização dos movimentos; e arrebatando com o meio ambiente e com os povos os indígenas, quilombolas e sem-terra.

O programa da direita tradicional, como o PSDB, e o que se desenha como tentativa de “terceira via” é manter o plano atual, sem as ameaças golpistas de Bolsonaro. Lula e a sua frente ampla, por sua vez, não apresentam um projeto de ruptura com esse modelo. Muito pelo contrário. O ex-presidente disse que o banqueiro Henrique Meirelles era o seu “ministro dos sonhos”, justamente

o mesmo que elaborou a proposta do “teto dos gastos”, aprovado em 2017.

A discussão, hoje, gira em torno da manutenção ou não do teto dos gastos (falsa, aliás, pois, na prática, o teto já foi estourado) ou do valor do Bolsa-Família. Enquanto isso, o país está em franca decadência, com cada vez mais cenas de fome e barbárie. Enquanto milhões batem por um pé de galinha, Paulo Guedes fatura R\$ 120 mil num único dia, em sua “offshore”, escondida num paraíso fiscal.

ENFRENTAR OS SUPER-RICOS

Para acabar não só com a fome, mas para ter emprego; aumentar o salário pra valer; por um fim na carestia; garantir saneamento básico, educação, saúde e moradia; combater as opressões; defender o meio ambiente e conquistar a soberania nacional

é preciso atacar os lucros e as propriedades dos bilionários e das multinacionais, revertendo esse processo de recolonização e tirando o domínio de nossas riquezas das mãos desse 0,1%. E isso é impossível levar a cabo junto com os super-ricos, como defende o PT, lamentavelmente seguido pela maioria do PSOL, pois um programa baseado nas reais necessidades da classe trabalhadora, como o apresentado sinteticamente abaixo, se choca diretamente com os interesses e privilégios burgueses.

É preciso começar por suspender o pagamento da mal chamada dívida pública, que leva quase metade do orçamento do país para os bolsos de banqueiros e desse mesmo 0,1%, que lucram com a fome, a exploração, a entrega e o genocídio.

Pleno emprego, já! Reduzir a jornada de trabalho, sem redução dos salários. Só

com uma redução da jornada para 6 horas diárias já seria possível absorver todos os desempregados. Combinar a precarização, revertendo as reformas Trabalhista e da Previdência e o processo de terceirização e precarização do trabalho. Garantir um plano de obras públicas necessárias e ecológicas, que gere emprego e combata nossas mazelas sociais, como, por exemplo, a universalização do saneamento básico.

É preciso, ainda, restabelecer o auxílio-emergencial para quem não tem renda, até que se tenha pleno emprego, com um valor de um salário-mínimo.

É necessário, também, tomar as terras das mãos das multinacionais, nacionalizando e estatizando as grandes propriedades e colocando sua produção sob controle dos trabalhadores, acabando com a carestia, preservando o meio ambiente e as terras indígenas, além de proibir a remes-

sa de lucros para fora do país. Junto a isso, temos que realizar uma reforma agrária radical, subsidiando a pequena produção familiar.

Acabar com os subsídios para as grandes empresas, que só este ano devem superar os R\$ 315 bilhões, mais que o triplo do Bolsa-Família turbinado de Bolsonaro. E, ainda, impor uma taxação progressiva sobre as grandes fortunas. Só com a taxação dos 315 bilionários no país, de forma progressiva, até 10% para quem ganha acima de R\$ 10 bilhões, já seria possível arrecadar R\$ 140 bilhões ao ano.

Enfrentar os monopólios internacionais sediados nos países ricos, proibindo a remessa de lucros, reestatizando as empresas privatizadas, estatizando e colocando sob controle dos trabalhadores o sistema financeiro.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3EJZNNJ](https://bit.ly/3EJZNNJ)**

NESTE NOVEMBRO NEGRO GRITAMOS:

Não voltaremos para as senzalas nem para os porões da ditadura!



WAGNER MIQUÉIAS F. DAMASCENO, DA SEC. NACIONAL DE NEGRAS E NEGROS DO PSTU, E WILSON HONÓRIO DA SILVA, DA SEC. NACIONAL DE FORMAÇÃO

O Brasil e o mundo atra- vessam uma das maiores crises da história. Mas, nessa crise, não estamos no mesmo barco. Enquanto o povo trabalhador, pobre e periférico está à deriva, os grandes empresários, os banqueiros, os representantes do agronegócio e os políticos que os represen- tam passeiam em iates.

E se este abismo já é gigan- tesco em relação à enorme maio- ria da população, ele é ainda

mais amplo quando falamos da- queles e daquelas que foram his- toricamente oprimidos e mar- ginalizados, como negros(as), mulhers, LGBTIs, indígenas e imigrantes, dentre outros.

Algo que, aqui no Brasil, só tem se agravado sob Bolsonaro; um governo que tem se caracte- rizado por ampliar as já históri- cas desigualdades socioeconô- micas do país (lei nas páginas centrais) e, de forma particular- mente perversa, tem assumido

discursos e práticas descarada- mente racistas, machistas, LGB- TIóbicas e xenófobas, para in- tensificar ainda mais exploração de amplos setores da popula-ção.

Não por acaso, Bolsonaro pôs Sérgio Camargo na presidência da Fundação Palmares, que, como um legítimo capitão do mato, sus- pendeu as certificações dos pro- cessos de titulação de terras qui- lombolas, tem atacado sistematicamente a memória do movimen- to e até ameaçou, recentemente, praticar torturas, como seu ído- lo, o coronel Ustra. E, ainda, não esconde o desejo de reiniciar uma ditadura no país.

CONSCIÊNCIA DE RAÇA E CLASSE, CONTRA O GOVERNO E PELO SOCIALISMO

No momento em que ini- ciasse o “Novembro Negro”, é preciso que discutamos, em primeiro lugar, a necessidade de derrubarmos, já, este go- verno, sem alimentar nenhuma expectativa em relação a uma ilusória saída eleitoral em 2022, muito menos alicerçada

na conciliação com a burgue- sia, como querem Lula, o PT, a direção do PSOL e, também, ativistas e setores dos movi- mentos negros, muitos deles embriagados pelas teorias re- formistas ou pós-modernas.

Por isso, iremos tomar as ruas para gritar “Fora Bolsonaro e Mourão! Genocidas e saudosis- tas da Ditadura Militar!” e “Fora Sérgio Camargo, lugar de capitão do mato não é Palmares!”. E, pelos mesmos motivos, nós, do PSTU, iremos nos somar às “Marchas da Periferia”, que terão como lema “Não voltaremos para as senzalas nem para os porões da ditadura”.

Mas, não iremos parar por aí. Também queremos aproveitar as atividades que irão ocorrer para debater como a luta contra o racismo só poderá ser vitoriosa se construída em aliança com a classe trabalhadora, independente da burguesia, e tendo como objetivo uma revolução que nos permita erguer uma sociedade socialista, como já nos foi en- sinado pelo militante trotskista negro C.L.R. James.

“A degradação econômica, po- lítica, social e cultural do povo ne- gro, abaixo até mesmo dos níveis das camadas mais exploradas da classe trabalhadora, o coloca em uma posição excepcional e o impele a desempenhar um papel excepcional dentro da estrutura social do capitalismo norte- americano” e, por isso mesmo, “a questão dos negros (...) repre- senta uma combinação única da luta pela democracia, por parte de uma minoria [no caso dos EUA] oprimida, com a luta da classe tra- balhadora pelo socialismo”, escre- veu James no artigo “A libertação do negro através do socialismo revolucionário”, de maio de 1950.

Uma luta obrigatoriamente de “raça e classe” e cada vez mais urgente, até mesmo porque parte fundamental da “lógica irracional” deste sistema diante de suas crises cada vez mais constantes e pro- fundas é atacar de forma ainda mais violenta os setores mais explorados e oprimidos da popula-ção.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3VSFUAU](https://bit.ly/3VSFUau)

AS MUITAS FACES DO GENOCÍDIO NEGRO

Pandemia, fome, desemprego e violência

Se é verdade, como dizia Malcolm X, que “não há capi- talismo sem racismo”; também é um fato que é diante das cri- ses do sistema que o racismo apresen- ta suas facetas mais cru-éis. Algo penosamente eviden- te quando há uma combinação, sem precedentes, de uma pro- funda crise socioeconômica, de uma pandemia, do avanço da destruição do meio ambiente e umas tantas outras mazelas.

Uma combinação catastrófi- ca que atinge duramente as con- dições de vida da enorme par- cial da população mundial; mas, inegavelmente, de forma ainda mais brutal aqueles e aquelas que pertencem aos setores histo- ricamente marginalizados. Algo que começo- pa pela violência racis- ta que, segundo o “Atlas da Vio- lência/2021”, fez com, em 2019, 77% das vítimas de homicí- dio fossem negras, dentre os quais a

chance de ser assassinado é 2,6 vezes superior a uma não-negra. Mas, se expande para todas as áreas da sociedade.

O NEGACIONISMO GENOCIDA TAMBÉM É RACISTA

Bolsonaro é o principal respon- sável pelas mais de 600 mil mor- tes por COVID-19, um ver- dadeiro genocídio que tem atin- gido o povo pobre, preto e periférico de forma particularmente cruel, em função do racismo e tudo o que ele significa em ter- mos de rebaixamento das con- dições de vida e aumento das di- ficultades no acesso a servi-ços básicos, como os da saú- de.

Segundo o Núcleo de Opera-ções e Inteligência em Saú- de, da PUC-Rio, em maio de 2020 (an- tes da pandemia se expandir), enquanto o índice de mortes che- gava a 55% dos negros con- tam- inados (somando-se aque-



les que o IBGE classifica como “pardos” e “pretos”), a propor- ção entre brancos era de 38%.

Outro estudo divulgado pela Rede de Pesquisa Solidária, em 20/09/2021, demonstre- que a situação é ainda mais grave quando racismo e machismo se encontram. Dados do Siste- ma de Informação sobre Mor-

talidade (SIM), relativos a 2020, revelaram que “mulheres negras morrem mais de covid-19 do que todos os outros grupos (mulheres brancas, homens brancos e negros) na base do mercado de trabalho, independentemente da ocupação.”

Para mulheres negras tra- balhando em servi-ços domés-

ticos, por exemplo, o risco de morrer de covid-19 era 112% maior do que o enfrentado por homens brancos nas mesmas ocupações. Já dentre os trabalhadores que ali- mentam a linha de produção, uma mulher negra tinha mais que o dobro de risco (146%) de morrer de covid-19 do que um homem branco.

CRISE SOCIAL

Baixos salários, desemprego, fome e precarização também têm cor



Bolsonaro também é o principal responsável pela destruição de empregos, ao aplicar com Paulo Guedes, uma política econômica em prol dos ricos. O desemprego atinge milhões, a miséria e a fome se alastram pelo país, enquanto a inflação dispara. E, de novo, a população negra tem sido a mais penalizada.

Segundo a Síntese de Indicadores Sociais do IBGE, no ano passado a taxa média geral de desemprego no Brasil foi de 13,5%. Entre os negros, contudo, atingiu 17,2% (contra 15,8% dos que se dizem pardos e 11,5% entre os brancos). No geral, a taxa de desemprego do ano foi 71,2% maior entre negros na comparação com brancos.

Ainda segundo o IBGE, 63% das famílias no Brasil são chefiadas por mulheres negras com filhos de até 14 anos e são elas que formam a maioria das cerca de 19 milhões de pessoas em situação de fome no Brasil, segundo dados de 2020 da Rede Brasileira de Pesquisa em Sobrenutrição e Segurança Alimentar e Nutricional (Penssan).

SISTEMA

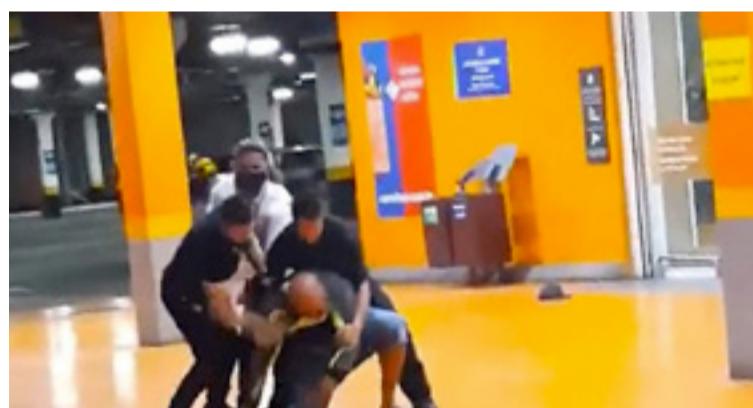
Sob o capitalismo, não há paz nem justiça, muito menos espaço para ilusões!

Em 2020, o Dia da Consciência Negra do ano passado foi marcado pelo brutal esfaçamento e morte de Beto Freitas, em uma unidade do Carrefour, em Porto Alegre (RS). O setor varejista, ao mesmo tempo em que tem se destacado como um dos campões nas denúncias de racismo, também é um dos que mais lucrou durante a pandemia (exatos R\$ 554 bilhões, sómente no ano passado).

Mas, para burguesia, não há limites para a hipocrisia. Pressionada por uma onda de manifestações e a péssima repercussão na sociedade em geral, o Carrefour formou um

“Comitê Externo de Diversidade e Inclusão”, com representantes da empresa e ativistas negros, como Silvio de Almeida (autor do livro “O que é racismo estrutural”), Celso Athayde, da Central Única das Favelas (Cufa), e Maurício Pestana, da revista Raça Brasil, que, de quebra, aproveitaram para lançar a Frente Nacional Antirracista (FNA), que, no dia 11/12/2021, se reuniu com o bolsonarista Paulo Skaf, para criar um “comitê antirracista” na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

Parcerias como estas servem apenas como “vitrine”



para que um setor da burguesia, que já não consegue sustentar o “mito da democracia racial, consiga, agora, o endosso e a legitimação de reconhecidos

ativistas negros para medidas pífias, que não atingem mais do que um punhado de negros e negras. E, ainda, vendem a ilusão de que é possível combater o racismo

por dentro do capitalismo e em aliança com aqueles que sempre se beneficiaram com a opressão racial.

No geral, são concepções sintonizadas com a tese central do conceito de “racismo estrutural”, que defende que o combate ao racismo passa pela conquista de espaços em lugares de “poder e prestígio” (meios de comunicação, estruturas de comando das empresas etc.), apostando na possibilidade reformatar o capitalismo e superar o racismo e a pobreza, tendo “iniciativa”, se “empoderando” e “empreendendo”.

SAÍDA

Por um Quilombo Socialista

O problema é que esses pregadores de ilusões estão simplesmente ecoando projetos reformistas que defende “um capitalismo com cara humana”, construído através da conciliação de classes. No entanto, eles parecem ter esquecido que o racismo é uma ideologia que, desde a escravidão, esteve a serviço do capitalismo em base à opressão

racial. Como disse Marx, “sem a escravidão, não haveria algodão, e sem algodão não haveria indústria moderna”.

Hoje, a burguesia prega o respeito às cercas de suas propriedades. Mas, nós sabemos que seus latifúndios vieram do roubo de terras indígenas e quilombolas. Defende a meritocracia e tenta nos vender a ilusão de que

toda sua riqueza é fruto do seu próprio trabalho. Mas, sabemos que sua fortuna é banhada de sangue e suor dos nossos antepassados que foram sequestrados da África, traficados em navios negreiros, como coisas, e escravizados neste país.

Prega, hipocritamente, o respeito às leis e à ordem (leis, aliás, que ela criou).

Mas, sabemos que, assim como a escravidão era legal, mas imoral; a exploração capitalista de hoje é legal, mas completamente vil e imoral.

Os sinais de barbárie que nos cercam por todos os lados provam que o capitalismo, que se alimentou da escravidão e perpetua diariamente o racismo, fracassou. Por isso, neste Novembro Negro chamamos

negros e negras, a juventude e a classe trabalhadora para tomarmos as ruas, gritando “Não voltaremos para as senzalas nem para os porões da ditadura!”. Mas, também, lembrando que lutaremos, sem trégua, pela construção do socialismo, onde os trabalhadores governem com toda a sua diversidade e sem transformar diferenças em desigualdades.

OPERÁRIOS DA GM

Greve poderia ter sido vitoriosa, se não fosse pela traição da direção do sindicato



EMANUEL DE OLIVEIRA, DE SÃO BERNARDO DO CAMPO (SP)

Depois de 13 dias paralisados, os operários e operárias da General Motors (GM), em São Caetano do Sul, no ABC Paulista, retomaram o trabalho, no dia 15, sexta-feira. A luta dos trabalhadores, contudo, poderia ter sido vitoriosa, em função da força do movimento, da unidade dos trabalhadores e pela disposição de luta demonstrada na rebelião que ocorreu no dia anterior, quando, nas assembleias dos dois turnos, por amplíssima maioria, os operários votaram pela continuidade da greve; decisão que foi desrespeitada pela direção do sindicato.

Nelas, o fim da greve não foi aprovado, mesmo depois da sentença do Tribunal Regional do Trabalho 2 (TRT2), que determinava a volta ao trabalho sob pena de multa de R\$ 50 mil por dia (a ser paga pelo sindicato) e com o presidente do sindicato, Aparecido Inácio da Silva, o “Cidão”, tentando amedrontar os trabalhadores, dizendo que a empresa poderia demitir.

Essa absurda traição da direção do sindicato, comandado

pela Força Sindical (FS), ao se recusar a garantir a decisão dos operários, impediu que o movimento grevista fosse vitorioso.

Os operários estavam em campanha salarial e a paralisação ocorreu porque a direção da GM não queria dar o reajuste integral da inflação, além de querer retirar a cláusula 42 (que trata dos trabalhadores lesionados), se recusar a dar um Vale Alimentação (VA) e, também, aumento real.

SUPEREXPLORAÇÃO: É ISSO O QUE FAZ A GM

Há alguns anos, o sonho de qualquer jovem era trabalhar em uma montadora. Mas, hoje, esse sonho virou um pesadelo. Segundo o depoimento de um jovem trabalhador, o salário de ingresso é de R\$ 1.700 ou R\$ 10,78 por hora. “Na quinzena, eu tiro R\$ 600 e no final do mês, depois dos descontos, do INSS, transporte, plano de saúde, entre outros, eu tiro mais ou menos R\$ 700 ou R\$ 800, dependendo do mês”, explicou um jovem, que preferiu não se identificar.

“Agora você imagina quem é casado e tem filhos, com esse salário. Não dá para pagar aluguel, comprar comida, pagar água, luz, gás, roupa etc. Nossa situação não

está fácil. Por isso, o VA era muito importante, para comprar comida”, disse à reportagem.

“O ritmo de trabalho é alucinante e muitos colegas ficam doentes e a empresa quer tirar a cláusula dos lesionados. Muitos colegas pedem as contas em seis meses. Não aguentam o ritmo das linhas de produção, mesmo sabendo que a situação do emprego aqui fora está difícil”, concluiu o metalúrgico.

GM ESTÁ AUMENTANDO PRODUÇÃO

A GM está lucrando muito. Em 2020, o lucro líquido da montadora foi de US\$ 6,4 bilhões. Somente a planta de São Caetano faz em média 1.000 veículos por dia (nos dois turnos) e sua produção anual aumentou de 250 mil para 330 mil veículos, segundo a própria empresa. Para aumentar seus lucros, a empresa está produzindo veículos mais caros, como o Tracker, cujo modelo mais barato custa R\$ 103.780,00.

E, todos os anos, a GM envia bilhões de dólares para sua matriz nos Estados Unidos. Enquanto isso, não abre mão de um mísero Vale Alimentação. E mais: a empresa ainda lucra milhões com isenção de impostos, do pagamento da taxa de água, de luz, IPTU e, também,



com os empréstimos generosos que obtém com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

‘NÃO ADIANTA FAZER PARCERIA COM A EMPRESA’

“Nesses últimos anos, a empresa vem se reestruturando e quando se fala em reestruturação, leia-se ataques contra os trabalhadores. A GM vem congelando salários, reduzindo os salários de ingresso [grades diferenciadas] e jogando sobre as costas dos trabalhadores o aumento nos planos de saúde, no valor dos transportes etc. Faz isso alegando que é necessário para obter investimentos da matriz. O sindicato da Força Sindical

concordou com essas exigências. Mas de nada adiantou. Os trabalhadores foram penalizados e ficou demonstrado que nada disso deu certo”, explicou Luiz Carlos Prates, o “Mancha”, operário da GM de São José dos Campos (SP) e dirigente do PSTU e da CSP-Conlutas.

“Essa é uma lição importante: não adianta fazer parceria com a empresa. É necessário enfrentar esse processo com unidade entre os trabalhadores. Só dessa forma podemos travar uma dura luta contra os ataques e a retirada de direitos feitos pela empresa”, concluiu o sindicalista.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/30WCLHN](https://bit.ly/30WCLHN)**

LIÇÕES

Consciência fortalecida, apesar da traição da direção



Momento em que operários da GM votam pela greve. Horas depois o sindicato a suspendeu.

Apesar de que uma parte das reivindicações foi atendida, como INPC integral, de 10,42%, manutenção da cláusula 42 e das cláusulas sociais, os trabalhadores saíram da greve com uma sensação de derrota, pois não conquistaram o Vale Alimentação nem o aumento real.

Nessa greve, os trabalhadores sentiram a traição da direção do sindicato na pele. Um movimento que poderia ter sido vitorioso terminou com a volta ao trabalho, sendo que a decisão dos trabalhadores era de manter a paralisação.

A direção do sindicato não garantiu a decisão dos tra-

lhadores e simplesmente virou as costas, deixando os trabalhadores nas mãos da empresa, que usou de chantagem e ameaças de demissão para forçar a volta ao trabalho.

No dia seguinte à decisão dos trabalhadores favorável à manutenção da greve, o sindicato não apareceu na porta da empresa e mandou um comunicado de esclarecimento, assinado pelo seu presidente, Cidão, sobre a suspensão da greve e retorno ao trabalho. O comunicado dizia que “não podia ter sido outro encaminhamento, visto que existia uma decisão judicial do

TRT”. Assim, o movimento acabou sem sequer passar por outra assembleia.

No entanto, a consciência dos trabalhadores saiu fortalecida. “Essa greve foi boa para nós ganhamos experiência, pois eu nunca tinha feito uma greve”, disse um jovem operário à reportagem. Agora é necessário construir outra direção para que os operários possam lutar por suas reivindicações e manter suas conquistas, pois a empresa vai continuar tentando acabar com elas e os direitos garantidos em anos de luta do movimento operário no nosso país.

ALERTA

Reforma Administrativa é fim do SUS e de todos os serviços públicos

Aluta contra a Reforma Administrativa (PEC 32) está nos seus dias decisivos. Nessa semana, marcada pelo Dia do Servidor Público (em 28 de outubro), estão sendo realizadas várias atividades, protestos e mobilizações contra o projeto. A categoria, por exemplo, foi ao aeroporto de Brasília (DF) e pressionou os deputados que chegavam. Também estiveram no Congresso Nacional, onde realizaram uma vigília.

A intensificação dos protestos é necessária, pois o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP), pode colocar a Reforma Administrativa em pauta nas próximas semanas. Para tentar aprová-la, o governo está fazendo uma ofensiva para comprar os votos dos deputados. O plano é disponibilizar R\$ 20 milhões em emen-

das, para cada parlamentar que votar a favor da matéria, e, assim, garantir os 308 votos necessários para sua aprovação.

O QUE É A REFORMA?

Imagine se o Sistema Único de Saúde (SUS) não existisse e você tivesse que ser obrigado a recorrer à saúde privada em plena pandemia. Bolsonaro é principal responsável pelas mais de 600 mil mortes por Covid-19 no país, mas a tragédia poderia ser ainda pior. Caso não existisse o SUS, sequer teríamos o número de vacinados que temos hoje.

Destruir o SUS e todo o serviço público, como educação, segurança, assistência social, dentre outros, é o objetivo da PEC 32, ao retirar do Estado essas obrigações, para dar mais dinheiro aos banqueiros.

A Reforma também prevê o fim do concurso público, o que

abre a porteira para o apadrinhamento de políticos e transforma os serviços públicos em balcão de negócios, já que os futuros servidores serão definidos através da influência política e do apadrinhamento. E é fácil imaginar que a corrupção vai dar um enorme salto.

O projeto também prevê o fim da estabilidade do funcionalismo, uma medida que preserva as funções públicas, serve como proteção do servidor contra os abusos do governo de plantão e, ainda, permite que o servidor identifique e denuncie os casos de corrupção por parte de governantes e políticos.

MENTIROSO

É mentira que Reforma vai acabar com os privilégios. Ao contrário, a mamata vai continuar e se ampliar. O projeto não atinge os privilégios das cúpulas



dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e nem das altas patentes das Forças Armadas. É essa turma que recebe os salários mais altos e uma porção de verbas, que variam de acordo com os cargos e níveis, mas incluem, geralmente, gastos com refeições, viagens, hospedagem e locomoção, dentre outros.

Tudo isso já foi aplicado no Chile, durante a ditadura de Pinochet (1973-1990), resultando na destruição dos direitos sociais e na elevação da miséria do povo, que ficou sem acesso às condições mais elementares para sua sobrevivência. Esse é o projeto de Bolsonaro e Guedes com a Reforma Administrativa.

#SOSCIÊNCIA

Bolsonaro corta 90% do orçamento da ciência

Bolsonaro e Paulo Guedes praticamente acabaram com o orçamento destinado para a pesquisa científica. O corte de 90% das verbas (ou seja, de R\$ 690 milhões) foi anunciado no dia 7 de outubro. O

corte atinge, sobretudo, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que perdeu mais de R\$ 600 milhões de seu orçamento.

Pesquisadores de vacinas nacionais contra a Covid-19

já disseram que, por causa do corte, seus projetos vão sofrer com falta de financiamento público. Por isso, alguns já estão buscando outros meios de obter recursos, como vaquinhas e campanhas de ar-

recadação pela internet.

Uma reportagem do jornal Folha de S. Paulo, publicada no início de junho, mostrou que desde que Bolsonaro assumiu a presidência, em 2019, o número de trabalhadores

qualificados que tentam deixar o Brasil quase dobrou. Naquele ano, e também em 2020, o número de vistos pedidos por cientistas brasileiros para os Estados Unidos aumentou em 40%.

RALO

Militares gastaram R\$ 550 milhões na Amazônia, mas desmatamento aumentou

A atuação das Forças Armadas na Amazônia custou o total de R\$ 550 milhões para os cofres públicos. Essa quantia equivale a quase seis vezes o valor do orçamento do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), em 2020.

A ação dos militares não teve resultado algum. A perda de vegetação, entre agosto de 2019 e julho de 2020, foi de 10.851 km² de floresta; 7,1% a mais que no ciclo anterior. Um recorde em 12 anos, conforme dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Já o Instituto do

Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), indica que o acumulado de desmatamento de janeiro a setembro – período que envolve as operações militares Verde Brasil 2 e a Samaúma – chegou a 8.939 km², 39% a mais que no mesmo período, em 2020, e o pior índice em dez anos.



CUBA

Liberdade para os presos políticos da ditadura cubana



AMÉRICO GOMES,
DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES (LIT-QI)

Em 11 de julho (o chamado “11-J”), a deterioração das condições de vida do povo cubano levou às maiores manifestações antigovernamentais desde 1959, realizadas em mais de 60 cidades, nas 14 províncias e no município especial Ilha da Juventude. Nelas, foram ouvidas palavras-de-ordem como “Abaixo a ditadura” e “Liberdade”.

Os protestos explodiram pela escassez de alimentos, os apagões e os efeitos da crise econômica, agravados pela pandemia e foram majoritariamente compostos por setores populares, que não têm nada a ver com a direita burguesa ou pró-imperialistas, e, sim, são manifestantes movidos pela degradação de suas condições de vida.

AGRAVAMENTO DA EXPLORAÇÃO ECONÔMICA

Estas condições se agravaram, ainda mais, a partir de 1º de janeiro de 2021, no chamado “Dia Zero”, quando houve um ordenamento monetário, combinado com uma reforma salarial, que mudou o sistema de rendas pessoais e a assistência social, além de impor uma correção de preços e a eliminação de subsídios, considerados (pelo governo) como “excessivos e indevidos”, o que, também, vai afetar as cestas básicas e o transporte.

O agravamento da situação econômica é fruto da restauração do capitalismo, feita pelo próprio governo cubano, combinada com o criminoso bloqueio levado a cabo pelo imperialismo norte-americano, ao que se soma a pandemia da Covid-19. Fatos que afetam profundamente a economia e atacam a vida dos trabalhadores e trabalhadoras.

Para o governo de Díaz-Canel, estas medidas são essenciais para acabar com décadas de “ineficiência” na economia e aumentar a produtividade. Para o povo, significam o aumento da miséria.

O AUMENTO DA REPRESSÃO

Após os protestos realizados em Cuba no 11-J, o governo intensificou a repressão, criminalizando, ainda mais, o protesto social, prendendo e maltratando ativistas e jovens que foram às ruas, e passaram a ser perseguidos pelo “delito” de expressarem suas opiniões. Desde então, várias pessoas estão detidas, como presos de consciência ou políticos.

O quadro de violações de direitos humanos, depois das manifestações, aponta para uma política de repressão dirigida para recuperar o controle e reestablisher uma cultura do medo que domina a sociedade cubana, intimidando, prendendo, detendo e criminalizando, em



diferentes graus, as pessoas que ousam protestar.

Em sua maioria, os presos são acusados de delitos que, na verdade, são utilizados para tentar silenciar a dissidência, como “desordem pública” ou “desacato”. De acordo com artigo publicado em 4 de agosto pela agência de notícias “Cuba-Debate” (pró-governo), das 62 pessoas julgadas por fatos relacionados com os protestos do 11-J, a maioria foi acusada por estes supostos delitos, além de “resistência”, “instigação à delinquência” e “danos”, o que, diga-se de passagem, contradiz a versão oficial de que a maioria está sendo julgada por delitos violentos.

VIOLAÇÕES DO DIREITO DE DEFESA

Vários presos ou libertos não são sequer informados de sua situação jurídica. Em al-

nico de Investigações (DTI) e outros agentes da autoridade do Estado, o que demonstra uma alta carga de parcialidade.

Como em muitos julgamentos não é emitida documentação que informe as decisões do tribunal, também é impossível fazer uma análise correta sobre as decisões que estão sendo tomadas. O certo é que os que continuam detidos estão enfrentando processos penais ordinários e a eles são atribuídos delitos mais graves, como “desordem pública agravada”, “atentado”, ou “delitos contra a Segurança do Estado”.

Ainda segundo o “Cuba-Debate”, baseado em informações da própria Procuradoria Geral da República, apenas 35,4% dos presos tiveram acesso a um advogado de defesa. E, mesmo assim, a agência afirmou que em nenhuma das denúncias contra o Ministério do Interior de Cuba (MININT) foram detectadas violações à legalidade.

No final, segundo artigo publicado em 20/10/2021 pela revista eletrônica independente “Hypermedia”, o grosso dos libertados são “pessoas de certa visibilidade: artistas, estudantes, universitários, gente com redes de apoio”. Muitas das pessoas que continuam presas são do povo sem “visibilidade”, pobres, doentes e incapacitados.

Além disso, muitos sofreram corte de contato com o mundo exterior, sem que parentes ou amigos fossem notificados sobre onde estavam detidos ou tivessem o direito de receber visitas negado. Isso quando os presos não foram levados para longe de suas províncias.

Em agosto, o magistrado do Tribunal Supremo Popular José Sánchez declarou ao jornal “Granma” (órgão oficial do PC cubano) que, depois do 11-J, a Procuradoria recebeu 215 reclamações, principalmente de pessoas querendo localizar detidos. Também houve casos de desaparecimentos forçados, com a negativa de revelar o paradeiro dos detidos.





A REPRESSÃO POLICIAL DURANTE AS MANIFESTAÇÕES

“A ordem de combate está dada: às ruas os revolucionários”, ordenou Díaz-Canel, no 11-J, dando sinal verde tanto para as forças repressivas do Estado quanto para seus partidários em grupos paramilitares (que agrediram os manifestantes com cassetetes, pedras e paus).

Os ataques feitos pelas forças especiais, principalmente os “Boinas Negras,” e pelos agentes da polícia e da segurança do Estado foram denunciados de forma generalizada, com vá-

rios exemplos de uso de excessiva força policial, maus tratos e violência contra a população, jovens e particularmente as mulheres, sendo que várias delas foram detidas, por agentes homens, e submetidas a revistas vexatórias. A violência deixou hematomas em braços e joelhos, produto do tratamento que sofreram nas mãos dos agentes de segurança do Estado.

NEGAÇÃO E INTERRUPÇÕES DA INTERNET

No 11-J, houve uma interrupção geral do serviço da Internet em todo o país e, pos-

teriormente, uma redução do tráfego na rede, até 12 de julho, segundo as medições feitas na rede. Desde então, as autoridades têm bloqueado regularmente os aplicativos de mensagem instantânea, como Whatsapp, Telegram e Signal.

O regime também usou sua associação com as empresas chinesas Huawei e ZEF, responsáveis pelos cortes da internet, para desmobilizar as manifestações. E vale lembrar que a Huawei também é responsável pelo monitoramento e vigilância de opositores dos governos na Zâmbia e Uganda.

BASTA DE PERSEGUIÇÕES!

Liberdade imediata para todos os presos políticos em Cuba!



Ante toda a situação que descrevemos, a LIT-QI considera urgente que todas as entidades sindicais e populares se somem à campanha internacional que exige que o governo de Miguel Díaz-Canel coloque em liberdade imediata e incondicional todas as pessoas que estão detidas simplesmente por exercerem seu direito político de manifestação.

Não há informações precisas sobre o número atual

de presos. Uma coordenação do Grupo de Trabalho “Justiça 11J”, sobre detenções por motivos políticos, fala em 897 a 1167 “cidadãos detidos”. Destes, 480 continuariam encarcerados (96 sob medida cautelar de liberdade sob fiança e 41 em prisão domiciliar) e, dentre eles, há pelo menos 10 menores, entre 15 e 18 anos, que podem ser julgados como adultos.

É fundamental reiterar a petição feita pelos advogados

e defensores de entidades de Direitos Humanos e de organizações internacionais da classe trabalhadora, como sindicatos e movimentos populares, para que se tenha acesso, em Cuba, para monitorar a situação dos presos. Assim como solicitar que estas entidades internacionais, do movimento sindical e popular possam assistir, como observadores, aos próximos julgamentos das pessoas que continuam detidas.

NOVO PROTESTO

Repressão é preparada para a manifestação de 15 de novembro

Em 21 de outubro, o regime cubano, através da Procuradoria da República, convocou vários membros do grupo “Archiipiélago”, entre eles o dramaturgo Yúnior García, para advertir sobre as consequências penais para os organizadores, se persistirem em realizar o protesto público que está sendo convocado para o dia 15 de novembro.

Isso foi precedido por uma série de perseguições e ações

repressivas, através de ameaças, interrogatórios e até expulsões do trabalho, como as que atingiram a ativista Daniela Rojo, que está presa desde o 11-J; o médico Manuel Guerra, detido por algumas horas e expulso do seu trabalho, e o professor universitário David Martínez, demitido de seu trabalho, dentre outros.

O portal CubaDebate publicou uma nota da Procuradoria Geral informando que

se manifestações similares forem realizadas em localidades provinciais como Villa Clara, Cienfuegos e Holguín, os manifestantes incorrerão nos delitos de “desobediência, manifestações ilícitas, instigação à delinquência”. Já o governo qualificou a manifestação de “ilícita” e supostamente convocada “para destruir o socialismo”.

Diante disto, na saída da Procuradoria Provincial

de La Habana, Yúnior declarou: “Não vejo que haja uma só instituição do país onde nasci que se coloque do nosso lado, do lado do cidadão. Não somos mercenários nem estamos recebendo ordens de nenhum lugar. Estamos simplesmente mostrando, abertamente, uma diferença de opinião, de critério, de perspectivas sobre o país que sonhamos e queremos construir”.

Reiteramos nosso apoio à convocatória do 15-N e fazemos um chamado às organizações políticas, sindicais e sociais para defender o direito do povo cubano de se manifestar, exigindo que o governo permita sua realização, e repudiando a repressão que já está em curso contra seus organizadores e participantes.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3BFGHH2](https://bit.ly/3BFGHH2)**

CINEMA

Consciência negra nas telas



WILSON HONÓRIO DA SILVA DA SEC. NACIONAL DE FORMAÇÃO

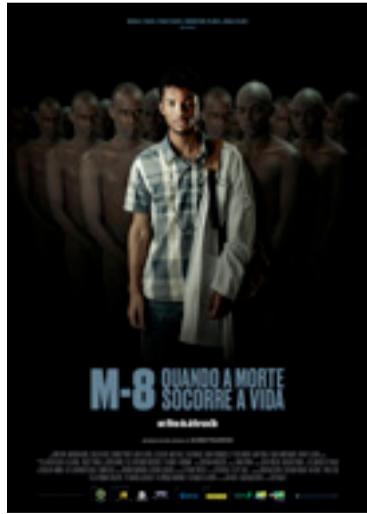
Ir ao cinema não anda no topo das prioridades. Tanto pela continuidade da pandemia quanto pela situação econômica. Mas, isto não significa que não podemos mergulhar em produções audiovisuais que refletem as lutas, histórias e vidas de negros e negras, aqui e mundo afora. Confira algumas sugestões disponíveis nas plataformas streamings e na internet.



CENAS DO BRASILE

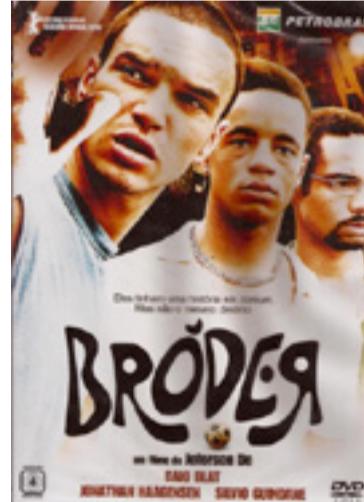


“Doutor Gama” é baseado na vida de Luiz Gama, um dos personagens mais importantes da história do Brasil, dirigido por Jeferson De, ainda em cartaz nos cinemas e na Globoplay. (leia o artigo [aqui](#))



Aliás, vale ir atrás de qualquer uma das produções desse diretor – como “Carolina” (2003), “Narciso RAP” (2005), “Bróder” (2009), “O amuleto”

(2015) e “M8: quando a morte socorre a vida” (2019) – que, em 2000, foi um dos autores o manifesto “Gênesis do Cinema Negro Brasileiro”, que além de fazer uma profunda crítica à representação de negros no cinema brasileiro, lançou as bases do movimento “Dogma Feijoada”, que aglutinou cineastas como Daniel Santiago, Billy Castilho, Lilian Solá Santiago e Joel Zito Araújo, todos eles também autores de obras importantes.



O curta-metragem “Carolina” (disponível no Vimeo: [aqui](#)) é particularmente importante para os dias de hoje, quando a miséria, o desemprego e a fome estão produzindo, país afora, milhões que se aproximam da vida de Carolina Maria de Jesus (no filme, interpretada de forma genial por Zezé Mota), que, apesar das penúrias, escreveu, em 1960, “Quarto de despejo”, cujos trechos serviram como roteiro para o curta.



Do mesmo grupo, vale destacar “A negação do Brasil: o negro nas telenovelas brasileiras” [veja aqui](#), o impactante documentário produzido, em 2001, por Joel Zito Araújo, que parte de uma análise da representação do povo negro no principal produto dos meios de comunicação no país para discutir temas como o mito da democracia racial e as especificidades do racismo por aqui.

Como “ancestralidade” é sempre importante para nós, vale resgatar a reportagem “O negro: da senzala ao soul” [veja aqui](#), produzida pela TV Cultura que, ainda sob a ditadura militar e um ano antes da fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), registrou um dos marcos do processo de reorganização do movimento negro brasileiro – a “Quinzena do Negro na USP”, realizada entre 22/05 e 8/06 de 1977 –, para discutir o racismo através de depoimentos de gente do povo, jornalistas, jogadores de futebol e ativistas, como Beatriz Nascimento, José Correia Leite, Eduardo Oliveira e Hamilton Cardoso; este último saudoso militante da Convergência Socialista, um dos grupos que deu origem ao PSTU.

Um dos filmes mais importantes dos últimos tempos (e pouquíssimo visto por aqui) é “Eu não sou seu negro” (2016), baseado no livro inacabado de James Baldwin (1924-1987), escritor e ativista negro e gay norte-americano, que expõe de forma impressionante o racismo em seu país, tomando como pontos de partida episódios que marcaram sua própria vida e a luta pelos direitos civis.

Também vale resgatar o excepcional “Quilombo” [veja aqui](#), dirigido por Cacá Diegues, em 1984, pela forma como, para contar a história de Palmares. O filme coloca em cena as trajetórias de Zumbi, Dandara, Acotirene e Ganga Zumba.

ARTE, CULTURA E MOVIMENTO NEGRO NOS EUA

“A voz suprema do blues” (dirigido, em 2020, por George C. Wolfe), utiliza uma tensa tarde de gravação da banda de uma das “Mães do Blues”, a cantora bissexual, Ma Rainey (Viola Davis), para discutir o racismo nos Estados Unidos durante os anos 1920. O filme ainda traz Chadwick Boseman (o eterno “Pantera Negra”) em seu último papel, antes de falecer, aos 43 anos.

Também girando em torno da música, mas mergulhado na história dos movimentos negros nos EUA, há o documentário “What Happened, Miss Simone?” (2015, “O que aconteceu, Sra. Simone?”), dirigido por Liz Garbus, que discute como a conturbada vida da cantora Nina Simone foi marcada pela luta contra o racismo, o machismo e, também, problemas com a saúde mental, temas que moldaram de forma determinante sua obra e carreira.

Ainda no campo do documentário, há a “13ª emenda” (Ava DuVernay, 2016), que, partindo da lei que aboliu a escravidão nos EUA, em 1865, discute a permanência do racismo, principalmente a partir de um sistema carcerário marcado por um dado assustador: enquanto um a cada três negros corre sérios riscos de ir para a cadeia; entre os brancos, este índice cai para uma a cada 17 pessoas.

Por fim, até o dia 30 de novembro, é possível acompanhar (em plataformas como a Wolo TV, o YouTube e o Zoom) a programação da “MIMB Olhares Periféricos”, uma edição especial da Mostra Itinerante de Cinemas Negros Mahomed Bamba, um festival internacional de cinema que promove a difusão das produções de realizadores negros do Brasil e da diáspora de forma gratuita. Para mais informações, acesse a [página do Festival](#), que, nesta edição, também está promovendo debates, aulas online e painéis com negros e negras que trabalham com cinema.

**LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/2ZV21GD**